

LEINAWEAVER, Jessaca B. *The Circulation of Children: Kinship, Adoption and Morality in Andean Peru*. Durham, Duke University Press, 2008, 225 pp.

Emilene Leite de Sousa
Universidade Federal de Santa Carina
Universidade Federal do Maranhão

A obra consta de uma etnografia interpretativa acerca da circulação de crianças em Ayacucho através das categorias de parentesco, adoção e moralidade. A autora se dedica a decodificar a circulação de crianças no Peru andino através de expressões morais locais, além das diferentes formas de trabalho desenvolvidas pelas agências de adoção dos Andes e internacionais.

O livro revela os novos rumos que os estudos de parentesco têm tomado a partir das mudanças estruturais que o modelo de família vem sofrendo na contemporaneidade, como no caso da circulação de crianças. Para tanto se utiliza de novas orientações do parentesco, especialmente do chamado parentesco fictício.

Conforme Leinaweaver, a circulação do filho é uma significativa prática social, modo através do qual a criança pode se mover entre numerosas famílias obtidas através de laços de compadrio, e é parte da migração rural-urbana que no Peru dita a rota para a modernização e o progresso desde o deslocamento da população durante os conflitos armados nos anos 1980 e 1990.

Além dos deslocamentos internos por conflitos, o número de mortos em Ayacucho nessa época foi assombroso. Este fato deu origem ao estabelecimento do primeiro orfanato em Ayacucho no início de 1980 para

abrigar os “órfãos do terrorismo”. Mas o orfanato passou a atender não apenas as crianças cujos pais tinham morrido, mas aquelas que haviam escapado da ampla rede social que já havia realocado crianças numa extensa teia de famílias ligadas através de relações de compadrio e outras formas de parentesco.

De acordo com Leinaweaver, a circulação de crianças é muito comum entre famílias, estas sendo assumidas quase sempre por tios e tias na cidade, além de padrinhos. A categoria circulação de crianças utilizada por ela traduz o processo a que as crianças se referem como “*fui a vivir con*”.

Neste contexto destaca-se a importância da categoria compadrio, sendo os padrinhos os que mais recebem seus afilhados. No compadrio, a criança é o elo entre os dois grupos de adultos, representando o elemento de união e de troca, constituindo-se como importante ferramenta para construir alianças.

Leinaweaver praticamente não trata do aspecto religioso deste apadrinhamento dando ênfase à importância social do compadrio. Cumpre-se em Ayacucho uma função muito mais social que religiosa. Ora, o compadrio em Ayacucho parece ter nascido como estratégia para fazer funcionar a circulação de crianças.

No caso de Ayacucho interessa a Leinaweaver como as pessoas recebem suas relações de parentesco, com que intuito são construídas e como elas estão embutidas nas ideologias globais de reprodução. Esta discussão revela um embate entre parentesco como conceito teórico e categoria social. O parentesco entre andinos é constantemente recriado através da circulação de crianças, sendo entendido por eles como inato e adquirido, incondicional e falível e, completamente moral.

Ao discutir puericultura e orfandade, Leinaweaver trata da definição de órfão, que no Peru se refere não só a crianças cujos pais estão mortos, ausentes ou são incapazes, mas crianças que perderam o suporte da família.

A autoidentificação como órfão é estrategicamente utilizada por estas crianças, pois ela pode gerar pensão do Estado pelos parentes mortos – no caso dos órfãos do pós-guerra – bem como ajudar no acesso à universidade pública. Os órfãos da guerra são conhecidos como *wakcha*, termo que define também os pobres. O termo *wakcha* substituiu os termos *mestizo*, *illegitimate*, *huérfano* e *expósitos*, todos sinônimos.

O problema é que no caso do orfanato, o uso do Estado ou as facilidades filantrópicas não preveem um lugar para a criança e seus parentes praticarem a reciprocidade de comida, cuidado e educação. Neste sentido, o uso do orfanato é amoral, uma vez que a moralidade andina é fundamentada na reciprocidade, no dar e receber, nas trocas e conexões que fundam relações.

Leinaweaver trata da noção de parente “não de sangue, mas de tratamento”. Aqui a circulação de crianças é explicada como o ato de acompanhar alguém que é ou passa a ser tido como parente. Assim, a criação de relações de parentesco com estranhos e o companheirismo seriam a chave para a compreensão da circulação de crianças.

Da compreensão de que “pessoas sem crianças sofrem muito mais” nasce o desejo por mais crianças nos peruanos, por isso, para Leinaweaver, o valor da criança estaria em sua companhia. É assim que a circulação de crianças torna-se também uma política de controle populacional em potencial, já que ela seria uma tática para a satisfação do desejo de ter mais crianças.

Todavia, desconfio da análise da autora que coloca a companhia como o principal valor da criança. É que uma polêmica questão nasce das chamadas tarefas do companheirismo, que em alguns casos parecem se transformar em trabalho infantil, embora a autora fale de “serviços domésticos”. Há, portanto, um labor envolvido nestes arranjos de circulação, que é compreendido como ajuda e acredito que pode estar imbuído também no valor da criança.

Desta forma, o preço do companheirismo recebe o nome de *propina*, que está – ao contrário do salário ou pagamento – presente nas relações impessoais. A relação econômica entre patrões e empregados domésticos são também frequentemente expressas sobre a forma de propina.

Na busca de termos para descrever os tipos de relações destes pais com as crianças advindas de outras famílias é que surge a expressão “como uma filha”. A analogia é utilizada para explicar a relação da madrinha ou tia com a criança adquirida. Todavia, a *propina* é uma pista que revela a desigualdade no que concerne à segurança e ao amor da família em relação aos seus filhos e as crianças advindas de fora que são “como filhos” para eles.

Mais uma característica marca esse movimento circular: a divisão de gênero. A circulação de crianças está fortemente direcionada para as meninas. Isto se dá devido o trabalho realizado por estas crianças, que é em sua maioria doméstico. Além disso, eu diria que o trabalho doméstico feminino passa mais facilmente despercebido. Travestido de ajuda, ele dribla a aparência de exploração. Ora, os meninos circulam menos porque valem menos ou mais? A autora não analisa a diferença de valor entre meninos e meninas.

Assim é que mover as meninas para a cidade e a escola, parece ser de grande vantagem para as famílias que as recebem. Por isso, essas crianças se esforçam por *acostumar-se*. Este esforço se caracteriza pelo desejo dessas crianças de agradarem a família ajudando no que puderem para serem aceitas, e no esforço de seus pais em estimulá-las a partir acostumando-se com sua ausência por desejar “o melhor para os filhos”. Um esforço individual que tem como invólucro uma ação moral. O esforço individual de superação de suas próprias condições é um ato moral: tentar fugir da pobreza, do racismo e da opressão. Mas, por que caminhos?

As atividades masculinas são vistas como trabalho e as tarefas femininas como ajuda, mesmo nos casos em que as tarefas das mulheres são

remuneradas ou seus trabalhos rendem mais frutos enquanto as tarefas dos homens não são pagas. Razão pela qual, sendo doméstica a maioria das tarefas femininas, bem como as tarefas das crianças adquiridas pela circulação, estas são imediatamente associadas à ajuda e pagas com *propinas*. A *propina* é a manifestação material da relação entre a circulação de crianças e os serviços domésticos. Logo, os serviços domésticos e a circulação de crianças fazem-se parecer suspeitosamente idênticos, embora a raiz da diferença esteja, segundo os sujeitos da pesquisa, no acostumar-se.

A discussão do acostumar-se diz respeito a tornar-se familiarizado e é seguida do *pertenecer*. Os sujeitos descrevem o processo do acostumar-se como um esforço contínuo e engajado para tornar-se da família, isto é, utilizar novas práticas para agir e interagir com pessoas e objetos além de um novo ou rearranjado espaço social.

Acostumar-se é tornar-se situado em um determinado lugar e suscetível a uma rede de relações que vão tomando lugar pouco a pouco. Interessante atentar para a percepção metodológica da autora e sua dificuldade para acompanhar o processo de acostumar-se destas crianças resumida na frase “acostumar acontece quando você não está olhando” (p. 98).

Leinaweaver destaca a *superación* como outra estratégia utilizada na circulação de crianças. Esta noção está vinculada especialmente à pobreza e à migração campo-cidade como estratégia de sobrevivência. A autora discorre sobre a pobreza como uma condição estrutural associada à circulação de crianças, aos órfãos e a migração rural-urbana. Segundo a autora, essa pobreza se reflete na falta de possibilidades e expectativas, assim, a dureza da vida é interpretada como uma negociação entre a realidade local e as “possibilidades imaginadas” (p. 107).

A *superación* diz respeito a uma ideologia de melhoria. No Peru a melhoria, como o progresso e a modernidade, são entendidos como

dentro do espaço urbano, desvalorizando o campo e seus costumes como “do passado”, atrasado e criando estereótipos negativos para os camponeses. É assim que a circulação de crianças acompanha o movimento da migração rural-urbana estando essencialmente associada a este movimento. Busca-se superar as condições de extrema pobreza, violência recente e insegurança além da falta de serviços básicos a serem oferecidos pelo Estado.

A fundamentação para a circulação de crianças é dada em dois níveis interdependentes: por causa dos estudos e para superar-se. A educação aparece como o principal meio para sair da pobreza, ela tem o poder de transformar camponeses em profissionais e mudá-los de lugar no gráfico que marca atraso/modernidade, já que, para o senso comum o índio, como o camponês, se opõe ao homem da cidade e a educação. Deste modo, uma mudança geográfica/espacial representa também uma mudança étnica e de classe, mesmo ocorrendo do campo para as periferias das cidades. Este movimento é, portanto, social e geográfico. A circulação das crianças abre novos campos de possibilidades e oportunidades, sendo sempre justificada como “o melhor para a criança”.

Desta forma, a circulação de crianças está relacionada à raça, pobreza e risco e termina por colocar as crianças no circuito de trabalho infantil. Ademais, ela coloca tais crianças em situações de desigualdade em relação às crianças da família para onde foram mandadas, que as tratam de maneira diferenciada.

Embora na circulação de crianças se diga que elas vão por opção, o que está por trás deste “ir por conta própria” no discurso dos envolvidos no fenômeno da circulação é uma série de condições estruturais, além de existir sempre uma coerção implícita dos pais, embora as crianças relatem o movimento como tendo sido “para o meu próprio bem”.

Parece-me contraditório que Leinaweaver afirme que as crianças têm uma agência neste fenômeno planejando a sua própria circulação, quan-

do ela mesma admite que haja uma coerção implícita por parte dos pais, sem falar das condições estruturais de pobreza que, de certa forma, obriga as crianças a partir em busca de melhoria para si e para a família. Afinal, pobreza e desigualdade movimentam estas crianças, forçadas pela máquina do abandono material e moral a que estão submetidas.

Através da análise da categoria *pertenecer*, a autora investiga as diferenças de tratamento em relação à criança que “não é de sangue” e a produção de *cariño*. Leinaweaver investiga a ideia de afeto, argumentando que a afeição resulta diretamente da convivência, sendo esta a responsável pela produção de carinho. Todavia, não se nega que as relações de sangue sejam úteis para o reconhecimento de parentesco e que as genealogias sejam instrumentos profícuos para o conhecimento, afinal relações de sangue não são legitimadas se elas não são conhecidas (p. 137). Mas o sangue não é a única metáfora para entender as relações humanas, as famílias Ayacuchanas também produzem e circulam conhecimento de parentesco com a ajuda de termos de parentesco.

Segundo a autora a circulação de crianças tem as crianças como seu principal conector, elas tendo uma agência diante disso, uma vez que não só permitem serem circuladas bem como planejam sua própria circulação. A ação das crianças é parte desta equação, já que elas consentem a circulação e se esforçam por se acostumar, se superar e pertencer.

Apesar de Leinaweaver admitir a ação das crianças como fundamental para o fenômeno social da circulação, a obra se ressent de uma voz mais ativa das mesmas. Entendo que a autora não tomou as crianças como seus principais sujeitos na investigação sobre sua circulação, ouvindo muito mais padrinhos, representantes dos órgãos oficiais e os adultos que narram no tempo passado sua experiência com a circulação. Penso que o ponto de vista das crianças seria fundamental para a compreensão do fenômeno, já que são as crianças os sujeitos centrais nesse processo.

Acredito que a obra de Leinaweaver nos traga uma importante contribuição para a reflexão sobre o trabalho infantil. Ela lança luz sobre os vários modos através dos quais o trabalho infantil pode se travestir, e indiretamente discute os critérios de definição do trabalho infantil. Seria aquele realizado apenas fora da esfera doméstica? Ele é caracterizado por alguma forma de pagamento, seja ela a propina ou a moradia e alimentação “trocadas” pelos afazeres domésticos? Qual a diferença entre trabalho infantil e serviços domésticos? Entretanto, a sua opção por utilizar a expressão “serviços domésticos” demonstra que ela opta por não reconhecer nessas práticas um problema social, afinal, ela abre mão do uso do termo “trabalho infantil” como importante conceito-recurso com o qual devemos dar conta do mundo social.

Ora, mas que caminhos são esses pelos quais circulam as crianças em Ayacucho? Como se fundamenta a circulação de crianças? Segundo a autora, ela se fundamenta na busca incessante de adultos por companhia, é atravessada pelo viés do gênero, sendo as meninas aquelas que se movimentam com maior facilidade, e se choca com a questão dos serviços domésticos e com a oposição clássica de gênero: trabalho versus ajuda. A circulação e o serviço doméstico se relacionam através da *propina*, forma pela qual essa relação se materializa, e é marcada pela desigualdade de tratamento entre crianças adquiridas e filhos. Tem como invólucro a busca pela superação através da educação, pelo parentesco, pelo esforço em se acostumar e o desejo de pertencer à nova família. Tudo isso em busca de uma vida melhor para estas crianças e para suas famílias de origem, que renovam suas possibilidades e esperanças nelas, sob a justificativa de ser “para o bem delas”.